

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Partido afirma que Netanyahu concorrerá à reeleição

Trump levanta dúvidas sobre reeleição de Netanyahu

Binyamin Netanyahu buscará a reeleição este ano, anunciou seu partido nesta quarta-feira (10), depois que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse não ter certeza se o primeiro-ministro israelense concorreria novamente. Em uma breve declaração, o partido Likud de Netanyahu afirmou que ele disputará a eleição. O pleito ainda não foi formalmente anunciado, mas deve ser realizado até outubro. Mais cedo, Jonathan Karl, correspondente-chefe da ABC News em Washington, publicou nas redes sociais que Trump havia lhe dito que não sabia se o premiê concorreria. “Não sei, ele teve uma carreira incrível. Será que ele quer continuar?”, citou o jornalista, reproduzindo as palavras do presidente.

Primeira eleição desde o 7 de outubro

A eleição israelense será a primeira desde o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023, a pior falha de segurança do país, que desencadeou o ataque de Israel à Faixa de Gaza e resultou em mais de 70 mil palestinos mortos. Netanyahu teve um mandato turbulento desde que voltou ao poder em dezembro de 2022 à frente da coalizão mais à direita da história de Israel. Ele enfrentou protestos contra o governo antes das guerras em Gaza, no Líbano e no Irã.

Reprodução



Trump admitiu ter chamado Netanyahu de maluco

Coalizão pode ajudar Netanyahu

Pesquisas têm indicado repetidamente que sua coalizão não conseguiria obter maioria na próxima eleição. Uma pesquisa publicada pelo Instituto de Democracia de Israel, sediado em Jerusalém, em 9 de junho, mostrou que 61% do público israelense acredita que ele não deveria concorrer. No entanto, as pesquisas também mostram que uma potencial coalizão de partidos de oposição ficaria aquém da maioria parlamentar, a menos que faça uma aliança com partidos árabes, o que alguns líderes da oposição descartaram.

Relação firme, mas sob tensão

Autoridades americanas e israelenses afirmam que Trump e Netanyahu, que iniciaram juntos a guerra contra o Irã em fevereiro, ainda mantêm uma relação próxima, embora ela tenha passado por momentos de tensão, inclusive nas últimas semanas, quando Trump exigiu que Israel reduzisse a ação militar no Líbano enquanto Washington negocia um acordo de paz com Teerã.

Chamou de maluco

Na semana passada, Trump admitiu ter chamado Netanyahu de “maluco de merda” em um telefonema exaltado, embora também tenha dito que eles se dão bem. Ele tem repetidamente pedido ao presidente de Israel que conceda perdão a Netanyahu pelas acusações de corrupção pendentes, que ele nega.

Irã

A AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) aprovou na última quarta-feira, dia 10 de junho, uma resolução exigindo que o Irã permita a verificação de seu estoque de urânio enriquecido e que permita o acesso total de inspetores do órgão independente da ONU a suas instalações nucleares.

Inspeções

Texto semelhante no ano passado já pedia o retorno de inspeções, mas a verificação do inventário de urânio dos iranianos é uma novidade. A representação de Teerã nas Nações Unidas protestou contra a decisão, aprovada por 21 dos 35 membros do conselho executivo da AIEA. Outros dez Estados se abstiveram.

Tensão

A Venezuela, porém, está com direito suspenso de voto por débito, e três foram contra — Rússia, China e Níger. O Brasil foi um dos que se absteram, mantendo a posição do governo Lula de proximidade com a teocracia e de crítica a soluções de pressão no Oriente Médio. A resolução eleva ainda mais a tensão entre Washington e Teerã.

Disputa

A resolução foi proposta pelos EUA com apoio de Reino Unido, França e Alemanha. Washington e Teerã buscam uma solução diplomática para a crise no Oriente Médio que, travada, tem deslizado para novas trocas de ataques. O programa nuclear iraniano está no centro da disputa com os EUA desde a década passada.

Urânio

Em 2015 um acordo foi firmado para evitar que os aiatolás obtivessem a bomba atômica e limitassem seu enriquecimento de urânio por 15 anos. Em seu primeiro mandato, Trump deixou o arranjo. O Irã aos poucos voltou a enriquecer urânio.

Por Igor Gielow (Folhapress)



Trump diz que Washington e Teerã estavam perto de acordo

Trump diz que Irã fez os EUA ‘de trouxa’

Americano ataca país persa pela segunda noite consecutiva

Folhapress

O presidente Donald Trump afirmou que o Irã fez os Estados Unidos “de trouxa” nas negociações e que agora “terá de pagar o preço” por ter demorado demais para fechar um acordo. Horas mais tarde, forças americanas atacaram o país persa pela segunda noite consecutiva.

A declaração ocorreu após os países trocarem novos ataques em uma das maiores escaladas desde o frágil cessar-fogo acordado em abril. “Estávamos muito perto de um acordo, mas eles continuam nos enrolando, continuam nos fazendo de trouxas”, disse Trump a jornalistas no Salão Oval.

O líder americano também escreveu nas redes sociais que Teerã estava demorando demais para negociar um acordo e advertiu que o país “terá de pagar o preço”.

À 0h45 de quinta-feira (11) em Teerã, os EUA anunciaram uma nova rodada de bombardeios contra o país persa. Foi a segunda noite consecutiva de ataques contra alvos em território iraniano, o amplia os questionamentos sobre a eficácia do frágil cessar-fogo em vigor.

Segundo as forças americanas, as ofensivas foram uma resposta à “agressão injustificada e contínua do Irã” —na véspera, os militares iranianos abateram um helicóptero militar e atacaram bases de Washington no Oriente Médio.

O Irã anunciou horas depois o ataque a dois navios que nave-

gavam pelo estreito de Hormuz e reiterou que qualquer embarcação que tente atravessar o canal será considerada um alvo. Trata-se, segundo o regime, da execução da primeira fase de uma nova ofensiva conduzida pela Guarda Revolucionária, em mais um desdobramento das tensões envolvendo Teerã e Washington.

As autoridades não informaram a nacionalidade das embarcações nem detalharam os danos provocados. Em declaração divulgada pela agência Tasnim, o regime iraniano afirmou também que o estreito de Hormuz está agora “completamente fechado para todos os tipos de embarcação”.

Antes dos novos ataques, o presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, afirmou que o país permaneceria “firme diante de qualquer pressão ou ameaça”. Disse ainda que “ameaças de atacar infraestruturas não são uma demonstração de força, mas um sinal de desespero”.

Já o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã, Esmail Baghaci, afirmou que Washington está prejudicando o processo diplomático com “mensagens contraditórias” e “repetidas violações do cessar-fogo”.

As tratativas não parecem ter sido suspensas por completo. Segundo funcionários do governo narraram à agência de notícias Reuters, negociadores do Qatar viajaram a Teerã nesta quarta numa tentativa de finalizar as negociações após consultas com a Casa Branca.